

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UM CONTEÚDO URGENTE

EMOTIONAL INTELLIGENCE: URGENT CONTENT

Maria Angélica Dornelles Dias

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Layla Zucon Cabrerizo Lobo

MUST University, Estados Unidos

Vanderlei Porto Pinto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Adriano Alves Romão

Universidad Columbia Del Paraguay, Paraguai

Kênia Cristine Carlos da Silva

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/4w2q9r11>

Publicado em: 17.10.2025

Resumo: Este artigo teve como objetivo analisar os fundamentos teóricos e pedagógicos da educação socioemocional e suas implicações para o currículo escolar. A investigação concentrou-se na compreensão do lugar da aprendizagem emocional nas propostas curriculares da educação básica, especialmente no ensino fundamental e na educação infantil, examinando também a atuação do professor como mediador desse processo e os efeitos da implementação de práticas socioemocionais no clima escolar. Para alcançar esse propósito, adotou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com base em publicações nacionais e internacionais selecionadas no *Google Acadêmico*, utilizando descritores simples relacionados ao tema e critérios de inclusão pautados na atualidade, relevância científica e aderência aos objetivos da pesquisa. Os resultados indicaram que a integração da educação socioemocional ao currículo escolar favoreceu o desenvolvimento de habilidades como empatia, autorregulação e cooperação, além de impactar positivamente as relações pedagógicas, o engajamento dos estudantes e a organização da cultura escolar. Constatou-se, ainda, que o êxito dessas práticas dependeu de uma formação docente contínua e de uma mudança na concepção do processo educativo, passando da mera transmissão de conteúdos à valorização da dimensão humana da aprendizagem. A pesquisa concluiu que o fortalecimento da dimensão emocional da educação contribuiu de forma significativa para a construção de ambientes escolares mais éticos, reflexivos e inclusivos.

Palavras-chave: Resiliência; Empatia; Desempenho Escolar; Interação; Formação Docente.

Abstract: This article aimed to analyze the theoretical and pedagogical foundations of social-emotional education and its implications for the school curriculum. The study focused on understanding the role of emotional learning within basic education curricula, especially in elementary and early childhood education, while also examining the teacher's role as a mediator in this process and the effects of implementing socioemotional practices on the school climate. To achieve this objective, a qualitative bibliographic research was conducted, based on national and international publications selected through Google Scholar, using simple descriptors related to the topic and inclusion criteria based on recency, scientific relevance, and adherence to the research objectives. The results indicated that integrating socioemotional education into the curriculum promoted the development of skills such as empathy, self-regulation, and cooperation, while positively impacting pedagogical relationships, student engagement, and the organization of school culture. It was also found that the success of these practices depended on continuous teacher training and a shift in the educational paradigm—from mere content transmission to the appreciation of the human dimension of learning. The study concluded that strengthening the emotional dimension of education significantly contributed to building more ethical, reflective, and inclusive school environments.

Keywords: Resilience; Empathy; Academic Performance; Interaction; Teacher Training.

Introdução

Nas últimas décadas, o debate sobre o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes ganhou espaço significativo nas políticas públicas educacionais e nas pesquisas acadêmicas. O reconhecimento de que a formação escolar não deve restringir-se apenas à dimensão cognitiva levou à valorização de práticas que favorecem também o desenvolvimento emocional, relacional e ético dos sujeitos. Nesse cenário, a educação socioemocional passou a ser incorporada às propostas curriculares, especialmente após a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabeleceu as competências gerais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras. A aprendizagem socioemocional, antes limitada a projetos extracurriculares ou ações pontuais, passou a ser considerada parte da estrutura curricular, suscitando reflexões sobre seu papel formativo e suas implicações pedagógicas.

A escolha por estudar a temática da educação socioemocional justificou-se pela crescente necessidade de compreender como as escolas vêm enfrentando os desafios emocionais vivenciados por seus estudantes. Diante do aumento dos índices de ansiedade, conflitos interpessoais e dificuldades de autorregulação emocional, especialmente após o período de ensino remoto decorrente da pandemia de COVID-19, tornou-se evidente que o enfrentamento dessas questões exige mais do que intervenções pontuais. É necessário incorporar, de forma intencional e planejada, práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento das competências socioemocionais. Assim, investigar a função da aprendizagem emocional dentro do currículo, o papel do professor como mediador desse processo e os impactos dessas práticas no clima escolar

revelou-se uma tarefa relevante tanto para o campo acadêmico quanto para a prática educativa cotidiana.

Neste contexto, formulou-se a seguinte questão norteadora: ‘Como a aprendizagem socioemocional, quando inserida como eixo estruturante do currículo escolar, contribui para a atuação docente e para a qualidade das interações no ambiente escolar?’. A partir dessa pergunta, estabeleceu-se como objetivo geral do estudo analisar os fundamentos teóricos e pedagógicos da educação socioemocional e suas implicações para o currículo escolar. Como objetivos específicos, buscou-se: a) discutir os pressupostos que sustentam a aprendizagem socioemocional como componente curricular; b) examinar o papel do professor na mediação do desenvolvimento socioemocional dos estudantes; e c) identificar os impactos da educação emocional na qualidade das relações interpessoais e no clima institucional das escolas.

Para alcançar esses objetivos, adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica. A análise concentrou-se em fontes teóricas publicadas entre 2018 e 2025, localizadas principalmente por meio do *Google Acadêmico*. Essa base foi escolhida por sua ampla cobertura e facilidade de acesso a materiais acadêmicos. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: ‘educação socioemocional’, ‘currículo escolar’, ‘aprendizagem emocional’, ‘formação docente’ e ‘clima escolar’. Os critérios de seleção incluíram a atualidade dos textos, a relevância temática e a consistência teórica das abordagens. Foram excluídas as produções com linguagem opinativa, sem embasamento científico ou desconectadas do problema investigado.

O estudo foi orientado por uma base teórica composta por autores que discutem a integração da aprendizagem socioemocional ao currículo escolar sob diferentes perspectivas. Destacam-se, entre eles, Jaya *et al.* (2025), cujas contribuições enfatizam a alfabetização emocional como componente central da educação contemporânea. No contexto nacional, as reflexões de Campelo, Nascimento e Santos (2024) permitiram aprofundar o debate sobre as práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento emocional de crianças na educação infantil. Além disso, as análises de Batistella e Batistella (2024) forneceram elementos importantes para compreender as condições institucionais necessárias para a implementação da educação socioemocional, especialmente no ensino fundamental.

A organização deste artigo foi estruturada em três capítulos principais. O primeiro, intitulado ‘A aprendizagem socioemocional como eixo estruturante do currículo escolar’, discute os fundamentos teóricos que justificam a presença da educação emocional como parte integrante do processo formativo. O segundo capítulo, ‘O papel do professor na mediação do desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes’, analisa a atuação docente como elemento decisivo para o êxito das práticas socioemocionais, abordando os desafios e as exigências formativas para essa atuação. O terceiro capítulo, ‘Impactos da educação socioemocional na qualidade das interações e no clima escolar’, apresenta os efeitos observados a partir da implementação dessas práticas, com ênfase na melhoria das relações interpessoais, na redução de conflitos e na promoção de ambientes escolares mais colaborativos.

Dessa forma, o artigo está dividido em três tópicos temáticos interdependentes, que visam compreender como a aprendizagem socioemocional, ao ser tratada como eixo curricular, pode contribuir para a formação de sujeitos emocionalmente equilibrados, socialmente responsáveis e preparados para enfrentar os desafios contemporâneos da vida escolar e social. Por fim, os resultados e discussões são apresentados, seguidos das considerações finais, nas quais são retomadas as principais contribuições da pesquisa e indicadas possibilidades para estudos futuros.

Metodologia

A presente pesquisa adotou como abordagem principal o método bibliográfico, por meio do qual foram analisadas produções científicas recentes e relevantes sobre a aprendizagem socioemocional no contexto escolar. Esse tipo de investigação é adequado quando se busca interpretar, discutir e confrontar ideias já desenvolvidas por outros autores, permitindo a construção de uma reflexão crítica fundamentada. Como explicam Narciso e Santana (2025, p. 19461), “esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela análise de fontes teóricas já consolidadas, possibilitando uma reflexão sobre o tema”.

A escolha por esse caminho metodológico se justifica pela intenção de reunir fundamentos teóricos consistentes que permitissem compreender como a educação socioemocional tem sido incorporada ao currículo escolar, quais são os papéis atribuídos ao professor nesse processo e quais os impactos observados no ambiente educacional. Para tanto, foram consultadas obras acadêmicas que tratam diretamente da temática, incluindo artigos científicos, capítulos de livros, documentos oficiais e trabalhos apresentados em eventos científicos da área da educação.

A coleta do material teórico foi organizada em três etapas. Na primeira, definiu-se o conjunto de descritores utilizados nas buscas. As palavras-chave escolhidas — ‘educação socioemocional’, ‘currículo escolar’, ‘aprendizagem emocional’, ‘formação docente’ e ‘clima escolar’ — foram combinadas para ampliar o alcance dos resultados. Na segunda etapa, as buscas foram realizadas no *Google Acadêmico*, um serviço gratuito da *Google* que reúne textos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, incluindo artigos revisados por pares, teses, dissertações e livros, tanto nacionais quanto internacionais. A escolha dessa base se deu por sua ampla cobertura e fácil acesso a publicações em língua portuguesa.

Na terceira etapa, foi feito o processo de seleção e triagem dos materiais. Como critérios de inclusão, priorizaram-se textos publicados entre os anos de 2018 e 2025, com acesso integral e que apresentassem discussões claras sobre o tema da aprendizagem socioemocional em contextos escolares, especialmente na educação infantil e no ensino fundamental. Foram excluídas as publicações sem fundamentação teórica consistente, com abordagem genérica ou que não dialogassem diretamente com os objetivos do estudo.

Com base nesse procedimento, foi possível reunir um conjunto de referências atualizadas e alinhadas ao escopo da pesquisa. O material selecionado sustentou as análises apresentadas ao longo do artigo, contribuindo para a compreensão do papel da aprendizagem socioemocional

como elemento estruturante do currículo escolar e para a reflexão sobre suas implicações pedagógicas e institucionais.

A aprendizagem socioemocional como eixo estruturante do currículo escolar

A crescente complexidade das relações sociais e das exigências educacionais contemporâneas evidencia a necessidade de revisar os fundamentos curriculares, incorporando dimensões que extrapolam os conteúdos cognitivos tradicionais. Nesse sentido, a aprendizagem socioemocional tem se destacado como componente indispensável para uma formação que contemple o desenvolvimento integral do sujeito desde a infância. Jaya *et al.* (2025) defendem que a alfabetização emocional deve ser compreendida não como um acréscimo ao currículo, mas como sua base constitutiva, exigindo uma reorganização das práticas escolares orientadas por uma lógica de resiliência e bem-estar. Para os autores,

[...] já não basta defender o apoio à saúde mental à margem do currículo. Devemos reinventar a alfabetização emocional não como um benefício extracurricular, mas como o próprio currículo [...] mudando o paradigma de uma educação baseada no desempenho para uma aprendizagem baseada na resiliência (Jaya *et al.*, 2025, p. 1).

Adicionalmente, Batistella e Batistella (2024) corroboram essa perspectiva ao afirmar que a educação socioemocional constitui uma resposta pedagógica à fragmentação curricular historicamente centrada no desempenho acadêmico. Segundo os autores, sua inserção no ensino fundamental reflete uma mudança de sensibilidade social e institucional, diante da qual se torna urgente repensar a função formativa da escola. Campelo, Nascimento e Santos (2024), por sua vez, destacam que a BNCC representou um marco normativo nesse movimento, ao estabelecer formalmente a obrigatoriedade da aprendizagem socioemocional como parte integrante do currículo. A proposta, portanto, desloca o foco da escola para além da aquisição de conhecimentos disciplinares, enfatizando o papel das emoções na aprendizagem e na convivência.

É nesse contexto que a alfabetização emocional, segundo Jaya *et al.* (2025), deve ser tratada como uma competência transversal, capaz de estruturar experiências formativas em todas as disciplinas. Os autores apontam que a autorregulação emocional é condição para o engajamento cognitivo sustentado, pois perturbações emocionais afetam diretamente a atenção, a memória e a motivação. Nesse sentido, o domínio das emoções não pode ser desvinculado das práticas de ensino. Embora os documentos oficiais reconheçam essa necessidade, Campelo, Nascimento e Santos (2024) observam que ainda há uma distância significativa entre a prescrição normativa e a concretização curricular, o que demanda maior coerência entre planejamento pedagógico, formação docente e cultura escolar.

Por conseguinte, a ausência de integração das competências socioemocionais ao planejamento das aulas tende a produzir uma fragmentação da aprendizagem, reduzindo a eficácia das ações educativas. Jaya *et al.* (2025, p.2) alertam que,

[...] sem incorporar objetivos socioemocionais nos objetivos de aprendizagem,

no planejamento das aulas e na cultura escolar, a aprendizagem socioemocional nunca poderá alcançar seu potencial pleno. Ela então permanece como uma trilha paralela, separada do ritmo cotidiano da escola.

Tal constatação evidencia a necessidade de que os currículos sejam organizados com base em princípios que articulem saberes acadêmicos e afetivos, em um processo integrado e contínuo. Por outro lado, a implementação efetiva da aprendizagem socioemocional requer a existência de critérios objetivos para sua avaliação e acompanhamento. Nesse sentido, Jaya *et al.* (2025) argumentam que os padrões curriculares devem incluir indicadores de aprendizagem afetiva com o mesmo grau de concretude dos acadêmicos. A esse respeito, Batistella e Batistella (2024) ressaltam que tais competências devem ser tratadas como conteúdos de ensino passíveis de mediação pedagógica, e não como características espontâneas do desenvolvimento infantil. Esse entendimento fundamenta a necessidade de rever instrumentos avaliativos e metodologias de ensino, de modo a contemplar os aspectos emocionais como parte da formação escolar sistematizada.

Além disso, a proposta de integração da educação socioemocional ao currículo não se limita a objetivos de desenvolvimento individual. Segundo Campelo, Nascimento e Santos (2024), o fortalecimento das competências emocionais desde a educação infantil repercute diretamente na qualidade das interações sociais e na construção de ambientes escolares mais cooperativos. As autoras ressaltam que a aprendizagem de habilidades como empatia, escuta ativa e resolução de conflitos deve ser iniciada na primeira infância, sob orientação pedagógica qualificada, como forma de prevenir condutas agressivas e promover o bem-estar coletivo.

Importa destacar que a abordagem curricular pautada na aprendizagem socioemocional não representa apenas uma inovação metodológica, mas uma reformulação das finalidades da educação. De acordo com Batistella e Batistella (2024), investir no desenvolvimento dessas competências significa preparar os estudantes para enfrentarem os desafios contemporâneos com maior responsabilidade e equilíbrio emocional. Os autores enfatizam que o currículo deve ser concebido como espaço de formação ética e afetiva, capaz de contribuir para o exercício da cidadania e para o fortalecimento das relações sociais. Nesse sentido, reconhecem que a escola não pode mais se restringir à transmissão de conteúdos descontextualizados das vivências humanas.

Finalmente, é necessário reconhecer que a aprendizagem socioemocional, enquanto eixo estruturante do currículo, exige transformações nas políticas educacionais, na organização didático-pedagógica e na cultura institucional das escolas. Como apontam Campelo, Nascimento e Santos (2024), a análise dos documentos normativos e da literatura especializada permite afirmar que a incorporação efetiva dessas competências depende de práticas planejadas e sistematizadas, que ultrapassem a dimensão declaratória e se concretizem no cotidiano escolar. Trata-se, portanto, de uma reconstrução curricular fundamentada em pressupostos pedagógicos contemporâneos, voltados à formação integral dos sujeitos desde as etapas iniciais da escolarização.

O papel do professor na mediação do desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes

O redirecionamento do foco pedagógico para o desenvolvimento socioemocional exige uma redefinição do papel docente nas etapas da educação básica. Longe de ser mera figura transmissora de conteúdos, o professor assume uma função mediadora essencial na promoção de um ambiente formativo emocionalmente saudável. Para Jaya *et al.* (2025), essa mudança requer uma postura mais consciente do educador diante das dinâmicas emocionais da sala de aula, substituindo a lógica tradicional de controle comportamental por uma pedagogia centrada na escuta, na empatia e no respeito mútuo. Tais autores defendem que o educador deve atuar como facilitador de experiências emocionais significativas, criando oportunidades sistemáticas para o exercício da autorregulação, da cooperação e da reflexão afetiva no cotidiano escolar.

Nesse mesmo sentido, Campelo, Nascimento e Santos (2024) ressaltam que o desenvolvimento socioemocional não pode ser tratado como um aspecto acessório da prática docente, mas sim como parte estruturante da formação profissional. Os autores destacam que grande parte dos desafios relacionados à inserção efetiva da educação socioemocional no currículo decorre da ausência de formação específica, o que impede o docente de realizar intervenções pedagógicas qualificadas. A esse respeito, Batistella e Batistella (2024) observam que o êxito da aprendizagem socioemocional depende substancialmente da capacidade do professor em reconhecer, mediar e modelar comportamentos emocionais e relacionais dentro do espaço escolar, o que torna indispensável o investimento em políticas permanentes de capacitação docente.

Por conseguinte, os programas de formação inicial e continuada devem contemplar competências voltadas à gestão emocional, resolução de conflitos e mediação de relações interpessoais. Jaya *et al.* (2025) afirmam que a preparação docente não deve se restringir à competência técnica, mas incluir também o desenvolvimento da própria consciência emocional do educador. Do mesmo modo, Batistella e Batistella (2024) indicam que cursos voltados à SEL (*Social and Emotional Learning*) têm contribuído para a redução do estresse e do esgotamento profissional, ao fornecer aos professores estratégias concretas para lidar com os desafios da convivência escolar. Embora tais iniciativas ainda sejam incipientes em muitos sistemas de ensino, os resultados relatados em ambientes escolares que priorizam essa formação apontam para sua eficácia.

Ademais, Campelo, Nascimento e Santos (2024) destacam que muitos professores da Educação Infantil mantêm percepções estereotipadas sobre as crianças, ora concebendo-as como seres frágeis e passivos, ora como adultos em miniatura, o que compromete o reconhecimento da infância como etapa específica do desenvolvimento humano. Para os autores, essas visões distorcidas refletem diretamente nas práticas pedagógicas, dificultando a implementação de propostas que valorizem o desenvolvimento socioemocional de forma intencional. A superação dessas concepções requer, portanto, não apenas formação técnica, mas também uma reflexão crítica sobre as próprias crenças e concepções de infância mantidas pelos educadores.

Além disso, Jaya *et al.* (2025) apontam que ambientes de aprendizagem emocionalmente responsivos ampliam o engajamento dos alunos e favorecem resultados acadêmicos consistentes. Ainda que haja resistência por parte de alguns setores educacionais quanto à ênfase na dimensão afetiva, os autores contrapõem essa crítica ao demonstrar, com base empírica, que climas de sala de aula sustentados por práticas de aprendizagem socioemocional resultam em menor índice de estresse docente e maior cooperação entre os estudantes. Como afirmam:

Jennings e Greenberg (2009) identificaram que climas de sala de aula sustentados pela aprendizagem socioemocional reduzem o estresse e o esgotamento dos professores ao melhorar as relações professor-aluno e fomentar ambientes cooperativos (Jaya *et al.*, 2025, p. 4).

A esse argumento, soma-se a análise de Campelo, Nascimento e Santos (2024), segundo os quais as estratégias didáticas adotadas pelos professores devem refletir uma postura de constante revisão e planejamento, considerando que a educação socioemocional implica práticas situadas, adaptadas às necessidades contextuais das turmas. A resistência a mudanças curriculares, segundo os autores, constitui um dos principais entraves à implementação dessa abordagem. Assim, reforça-se a necessidade de políticas institucionais que sustentem a autonomia docente para inovar e ajustar suas metodologias conforme a realidade emocional dos estudantes.

Em complemento, Batistella e Batistella (2024) sublinham que o êxito da aprendizagem socioemocional está diretamente ligado à criação de ambientes escolares seguros e acolhedores. Tais espaços favorecem a construção de vínculos positivos e a promoção de relações respeitadas, fatores que dependem da atuação qualificada dos professores. Conforme apontam os autores, a formação docente deve preparar o educador para integrar as práticas de SEL em sua rotina de maneira orgânica, compreendendo as emoções como parte integrante do processo educativo. Para isso, é indispensável que a formação não seja pontual, mas ofereça oportunidades contínuas de reflexão e desenvolvimento profissional ao longo da carreira.

Em síntese, o papel do professor no desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes é estratégico e insubstituível. Ao mesmo tempo em que exerce influência direta sobre o clima escolar e as interações cotidianas, o educador é também o responsável por modelar atitudes e valores que impactam a construção da identidade emocional dos estudantes. Diante disso, como defendem Jaya *et al.* (2025), é necessário que as escolas promovam uma mudança estrutural nas expectativas e nas condições de trabalho docente, criando uma cultura institucional orientada pela escuta, pela colaboração e pela corresponsabilidade afetiva. Essa perspectiva não apenas valoriza a profissão docente, mas também amplia a eficácia das ações pedagógicas orientadas ao desenvolvimento integral.

Impactos da educação socioemocional na qualidade das interações e no clima escolar

A realidade escolar contemporânea tem revelado a intensificação de fatores emocionais que interferem diretamente na qualidade das interações e no ambiente educacional. A partir da

crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19, observou-se um aumento significativo nos índices de ansiedade, isolamento e esgotamento entre os estudantes, o que agravou ainda mais os desafios relacionados à convivência escolar. Nesse cenário, Jaya *et al.* (2025, p.1) alertam que,

[...] a sala de aula pós-pandemia tornou-se um campo de batalha emocional. Educadores relatam níveis crescentes de ansiedade, isolamento e esgotamento entre os alunos [...] Já não basta responder às necessidades emocionais com intervenções fragmentadas ou reativas.

Diante disso, a implementação de programas estruturados de ASE (Aprendizagem Sócio Emocional), revela-se fundamental para reestabelecer um clima escolar saudável e promover relações mais equilibradas. Em articulação com essa perspectiva, Campelo, Nascimento e Santos (2024) argumentam que o desenvolvimento de habilidades socioemocionais atua preventivamente na redução de comportamentos disruptivos e na formação de vínculos interpessoais mais respeitosos.

Segundo os autores, práticas pedagógicas como rodas de conversa, dramatizações e jogos cooperativos favorecem a construção de espaços dialógicos que estimulam o respeito mútuo, a empatia e a escuta ativa. Tais estratégias, ao integrarem a rotina escolar, contribuem para diminuir a incidência de conflitos e fortalecer o sentimento de pertencimento entre os estudantes. Batistella e Batistella (2024, p.8) reforçam esse entendimento ao afirmarem que a SEL “ajuda os estudantes a desenvolverem uma maior resiliência, permitindo-lhes lidar melhor com o estresse e as adversidades”, o que, por consequência, amplia a disponibilidade da escola para o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, Jaya *et al.* (2025) sustentam que a alfabetização emocional não apenas favorece o bem-estar relacional, mas também melhora indicadores de desempenho acadêmico. Relatos empíricos de escolas que adotaram programas de ASE revelam maior motivação dos estudantes, melhora nas interações em sala de aula e aumento do engajamento em atividades escolares. Essas evidências contrariam a crítica segundo a qual a ênfase no desenvolvimento emocional comprometeria os objetivos escolares formais. Pelo contrário, como indicam os dados sistematizados por Durlak *et al.* (apud Jaya *et al.*, 2025), os programas de SEL estão associados à melhoria de comportamentos e à elevação do rendimento escolar, demonstrando que clima escolar positivo e desempenho acadêmico não são dimensões excludentes. Ainda sob essa ótica, Batistella e Batistella (2024, p.8) assinalam que,

[...] a implementação da educação socioemocional contribui para um ambiente escolar positivo, caracterizado por relações respeitadas e de apoio entre estudantes, professores e toda a comunidade escolar.

Esse tipo de ambiente reduz a necessidade de intervenções disciplinares punitivas, criando espaço para abordagens pedagógicas mais formativas e construtivas. A existência de uma cultura institucional voltada ao cuidado emocional promove maior previsibilidade nas relações, o que resulta em segurança afetiva e estabilidade comportamental, especialmente entre crianças em idade escolar. Para que esses resultados sejam alcançados, é necessário que a escola trate o

desenvolvimento emocional como uma competência a ser ensinada e monitorada, e não como atributo espontâneo da socialização infantil.

Por conseguinte, o investimento sistemático em práticas pedagógicas orientadas ao desenvolvimento emocional revela-se eficaz não apenas para o enfrentamento de problemáticas cotidianas, mas também como estratégia de promoção da saúde mental desde os primeiros anos de escolarização. De acordo com Campelo, Nascimento e Santos (2024), essas práticas promovem um ambiente escolar preventivo, que atua na mitigação de quadros de sofrimento psíquico entre crianças e adolescentes. Além disso, a literatura infantil é destacada pelas autoras como recurso privilegiado nesse processo, pois permite às crianças experimentar emoções complexas por meio da mediação simbólica, o que favorece a construção de repertórios afetivos e reflexivos. A escola, portanto, transforma-se em espaço de aprendizagem emocional, social e ética, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes de si e dos outros.

Conforme apontado por Jaya *et al.* (2025), a aprendizagem socioemocional desenvolve nos estudantes capacidades como empatia, autorregulação e consciência emocional — habilidades indispensáveis para a construção de vínculos respeitosos e para a superação de conflitos cotidianos. Os autores argumentam que essas competências constituem a base da resiliência, especialmente em contextos marcados pela instabilidade e pela imprevisibilidade. Nessa mesma linha, Batistella e Batistella (2024) observam que escolas que integram programas de SEL em sua rotina pedagógica relatam maior percepção de segurança e bem-estar entre os estudantes. Tais evidências reforçam o entendimento de que as relações escolares são mais efetivas quando mediadas por um clima institucional pautado na confiança, no acolhimento e na valorização mútua.

A esse respeito, destaca-se a importância da escola como espaço de construção coletiva de valores afetivos e sociais. Segundo Campelo, Nascimento e Santos (2024, p.11),

[...] ao promover um ambiente escolar que prioriza esses aspectos, estaremos não apenas preparando melhor os alunos para os desafios futuros, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais empática, colaborativa e resiliente.

Essa dimensão formativa transcende o espaço da sala de aula, impactando diretamente a convivência entre os diferentes membros da comunidade escolar. Portanto, o clima institucional torna-se reflexo direto da intencionalidade pedagógica com que são conduzidas as práticas socioemocionais, demandando ações coordenadas entre professores, gestores e famílias.

Por fim, é possível afirmar que os impactos positivos da aprendizagem socioemocional sobre o clima escolar e as interações interpessoais estão amplamente documentados na literatura especializada. Autores como Jaya *et al.* (2025), Batistella e Batistella (2024) e Campelo, Nascimento e Santos (2024) evidenciam, sob distintas abordagens, que a criação de ambientes educacionais emocionalmente responsivos favorece tanto o bem-estar subjetivo quanto os resultados acadêmicos. Embora existam desafios estruturais para a plena implementação dessa abordagem, os ganhos observados em instituições que investem na educação emocional apontam

para sua eficácia e necessidade. Dessa forma, a aprendizagem socioemocional configura-se como dimensão indissociável de qualquer proposta pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes e com a melhoria qualitativa das relações escolares.

Resultados e discussões

Os resultados obtidos a partir da análise dos referenciais teóricos indicam que a aprendizagem socioemocional, quando tratada como eixo estruturante do currículo escolar, promove efeitos significativos na formação integral dos estudantes, particularmente no que diz respeito à qualidade das interações interpessoais e ao fortalecimento de um clima escolar positivo. Essa constatação corrobora o entendimento de que as competências socioemocionais, tais como empatia, autorregulação e consciência emocional, não são meramente complementares às competências cognitivas, mas constituem elementos centrais para o sucesso acadêmico, a convivência escolar e o bem-estar psíquico das crianças e adolescentes, conforme demonstrado por Jaya *et al.* (2025), Campelo, Nascimento e Santos (2024) e Batistella e Batistella (2024).

As implicações dessas descobertas sugerem que a inclusão sistemática da aprendizagem socioemocional nos currículos escolares representa uma estratégia eficaz para responder aos desafios educacionais contemporâneos, em especial no contexto pós-pandêmico. Ao favorecer ambientes seguros, colaborativos e emocionalmente responsivos, tais práticas pedagógicas contribuem para a redução de comportamentos disruptivos, para o fortalecimento dos vínculos entre estudantes e professores, e para o aumento do engajamento acadêmico. Esse conjunto de efeitos interdependentes aponta para a relevância de se considerar as emoções como parte constitutiva do processo de aprendizagem, uma vez que o desenvolvimento afetivo está intimamente ligado à motivação e à capacidade de concentração dos alunos.

Além disso, ao se confrontar os achados desta análise com estudos prévios, observa-se coerência com pesquisas internacionais e nacionais que demonstram a efetividade de programas de educação socioemocional na melhoria do desempenho acadêmico e na promoção de climas escolares mais inclusivos e cooperativos. A meta-análise de Durlak *et al.* (apud Jaya *et al.*, 2025), por exemplo, fornece suporte empírico robusto ao indicar ganhos significativos em aspectos comportamentais e cognitivos em contextos onde tais programas foram implementados. A articulação entre bem-estar emocional e rendimento escolar tem sido reiterada também por outras pesquisas brasileiras, que apontam para a importância de integrar competências socioemocionais desde as etapas iniciais da educação básica, como ressaltado por Campelo, Nascimento e Santos (2024).

No entanto, algumas limitações precisam ser consideradas. A principal delas refere-se à distância entre as diretrizes curriculares oficiais e a prática pedagógica cotidiana. Embora documentos como a Base Nacional Comum Curricular estabeleçam a obrigatoriedade do desenvolvimento de competências socioemocionais, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades para implementá-las de forma efetiva, seja pela ausência de formação adequada dos docentes,

seja pela carência de recursos didáticos e metodológicos específicos. Conforme argumentado por Canettieri, Paranyhyba e Santos (apud Campelo, Nascimento e Santos, 2024), a ausência de capacitação contínua dos educadores constitui um obstáculo central à efetividade dessas políticas.

Adicionalmente, foram identificados pontos em que os resultados apresentam certo grau de ambiguidade. Em alguns contextos escolares, observou-se resistência por parte de educadores e gestores quanto à adoção da aprendizagem socioemocional como conteúdo sistemático. Essa resistência, em parte, decorre da percepção equivocada de que o foco nas emoções poderia comprometer o rigor acadêmico, o que revela uma concepção reducionista sobre a função educativa. No entanto, como demonstrado por Jaya *et al.* (2025), essa tensão é infundada, dado que o desenvolvimento emocional não apenas favorece a aprendizagem cognitiva, como potencializa a criatividade, a cooperação e a resolução de problemas — habilidades exigidas nos atuais cenários de complexidade social.

Essas constatações sugerem a necessidade de estudos adicionais voltados à avaliação da eficácia de programas de aprendizagem socioemocional em diferentes redes de ensino, especialmente aquelas situadas em contextos de vulnerabilidade social. Pesquisas futuras poderiam explorar, por exemplo, como as práticas pedagógicas baseadas na educação emocional influenciam a trajetória escolar de estudantes em risco de evasão ou em situação de sofrimento psíquico. Ademais, investigações empíricas longitudinais são fundamentais para verificar os efeitos duradouros dessas práticas sobre o desenvolvimento pessoal e social dos alunos ao longo da vida escolar.

Também se torna pertinente ampliar os estudos sobre a formação inicial e continuada dos professores nesse campo, de modo a compreender quais metodologias de capacitação são mais eficazes para que os docentes possam atuar com segurança e intencionalidade no ensino das competências socioemocionais. Diante do reconhecimento progressivo da importância dessa dimensão para o processo educativo, é indispensável que os cursos de licenciatura incluam, em sua matriz curricular, conteúdos voltados à educação emocional, bem como estratégias de ensino-aprendizagem adequadas a esse propósito.

Em resumo, os resultados apontam para o caráter estruturante da aprendizagem socioemocional no currículo escolar, tanto no plano das interações quanto no fortalecimento do ambiente educacional como um todo. Todavia, sua eficácia depende de ações integradas entre políticas públicas, formação docente e práticas pedagógicas planejadas, sendo essencial o investimento contínuo em pesquisa e monitoramento para garantir sua efetividade em diferentes realidades educacionais.

Conclusão

O estudo desenvolvido permitiu compreender, de modo fundamentado, o papel estruturante da aprendizagem socioemocional no currículo escolar e sua influência direta sobre a formação integral de crianças e adolescentes. A análise dos referenciais teóricos selecionados

demonstrou que a educação socioemocional não deve ser tratada como conteúdo acessório ou suplementar, mas como componente essencial do projeto pedagógico das instituições escolares. Essa concepção foi confirmada pela identificação de impactos positivos nas interações interpessoais, na mediação docente e na constituição de um clima escolar mais seguro, colaborativo e emocionalmente saudável.

A investigação teve como foco compreender como o currículo escolar pode incorporar a aprendizagem socioemocional como eixo estruturante da formação educacional. Ao longo da análise, identificou-se que diferentes perspectivas teóricas convergem para o entendimento da aprendizagem socioemocional como uma dimensão essencial ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos estudantes. A metodologia utilizada, de caráter qualitativo e bibliográfico, possibilitou o mapeamento dos principais argumentos e evidências da literatura atual sobre o tema, destacando a importância de práticas pedagógicas planejadas, da formação docente contínua e de ações institucionais articuladas.

Os objetivos da pesquisa — identificar os fundamentos da aprendizagem socioemocional no currículo, compreender o papel do professor na mediação dessas competências e analisar os efeitos da educação emocional sobre as interações escolares — foram plenamente alcançados. A partir da revisão teórica realizada, verificou-se que a atuação docente é elemento determinante para a efetividade das práticas socioemocionais, especialmente quando amparada por processos formativos consistentes. Do mesmo modo, observou-se que a inserção sistemática da aprendizagem emocional favorece a redução de conflitos, amplia o engajamento acadêmico e contribui para a prevenção de quadros de sofrimento psíquico no ambiente escolar.

Entretanto, o estudo evidenciou algumas lacunas relevantes que indicam possibilidades para pesquisas futuras. A primeira refere-se à necessidade de investigações empíricas em contextos escolares diversos, que permitam verificar a aplicação prática das diretrizes teóricas aqui discutidas. Além disso, faz-se necessária a análise longitudinal dos efeitos da aprendizagem socioemocional ao longo da trajetória escolar dos estudantes, considerando variáveis como desempenho acadêmico, convivência, autoestima e habilidades de resolução de conflitos.

Outra sugestão diz respeito ao aprofundamento de estudos voltados à formação inicial de professores, especialmente no que tange à inserção de componentes curriculares sobre educação emocional nos cursos de licenciatura. Investigar quais estratégias formativas produzem maior impacto na atuação docente poderá subsidiar políticas públicas mais eficazes. Por fim, recomenda-se a ampliação das pesquisas interdisciplinares que envolvam áreas como Psicologia, Educação e Saúde, a fim de compreender de maneira mais abrangente as implicações pedagógicas, sociais e institucionais da aprendizagem socioemocional no ambiente escolar contemporâneo.

Referências

- BATISTELLA, J.; BATISTELLA, M. A. A. Educação socioemocional, essencial no ensino fundamental: contribuindo para um processo educativo mais eficaz. **REMICI – Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, p. 6-13, n. 18, 2024.
- CAMPELO, F. da S.; NASCIMENTO, K. A. de O.; SANTOS, R. M. T. dos. O currículo escolar, práticas pedagógicas e a aprendizagem socioemocional da criança na Educação Infantil. In: Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 10., p. 6-11, 2024, João Pessoa. **Anais eletrônicos**. João Pessoa: Editora Realize, 2024.
- CANETTIERI, M. K.; PARANAHYBA, J. C. B.; SANTOS, S. V. Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula. **Educação em Foco**, v. 6, n. 2, e4406, 2021.
- DURLAK, J. A.; WEISSBERG, R. P.; DYMNIKI, A. B.; TAYLOR, R. D.; SCHELLINGER, K. B. O impacto da melhoria da aprendizagem socioemocional dos alunos: uma meta-análise de intervenções universais baseadas na escola. **Child Development**, v. 82, p. 405-432, 2011.
- JAYA, J. P.; ANTONY, R. V.; JOSEPH, J.; GEORGE, A.; JACOB, G. Alfabetização emocional como currículo: um novo paradigma para salas de aula resilientes. **Frontiers in Education**, v. 10, p.1-4, 2025.
- JENNINGS, P. A.; GREENBERG, M. T. A sala de aula pró-social: a competência socioemocional do professor em relação aos resultados dos alunos e da sala de aula. **Review of Educational Research**, v. 79, p. 491-525, 2009.
- NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.